



Moreira Mariz

As crianças convivem em meio à sujeira e em torno de poços de água, cavados ao lado de fossas, na invasão do Der

Surge mais uma invasão em Taguatinga: 50 famílias

23 NOV 1980

Uma nova invasão em Taguatinga Sul, onde cerca de cinquenta famílias se instalaram próximo ao 2º Distrito do DER-DF, formando a localidade conhecida como III Invasão do DER. E constituída de uns cinquenta barracos de madeira, construídos em círculo, no meio do cerrado, próximo à rede de alta tensão de Furnas.

Crianças, porcos e cachorros convivem nos mesmos locais, os estreitos becos que formam a nova comunidade de migrantes, servida de água de poços cavados ao lado de fossas, e não muito distantes dos chiqueiros.

— Vimos para cá porque os fiscais da Terracap derrubaram nosso barraco lá do outro lado, na "Chácara 21" (outra invasão a uns 500 metros de distância, onde vários barracos ainda estão de pé), explica Francisca Pereira, uma das moradoras do local, mãe de três filhos de 5, 3 anos e 6 meses de idade. "Aqui também os fiscais já vieram e derrubaram o nosso barraco e de outras pessoas, com sacrifício reconstruímos nossa moradia, e agora, depois que uma assistente da LBA passou por aqui com o dr. Ricardo da Terracap, e marcaram as casas, os fiscais não voltaram mais", revela a moradora.

A COMUNIDADE

Alguns migrantes, outros moradores mais antigos de Brasília, alguns fugitivos dos altos aluguéis cobrados em Taguatinga e Ceilândia, inscritos na Shis aguardando ser premiados com uma casa para abrigar a família, e trabalhadores da construção civil, convivem numa espécie de taba indígena — onde o centro é constituído por uma pequena praça com um poço d'água de uns três metros de profundidade e um

tanque de lavar roupa — circundados por paupérrimos barracos.

O que mais se destaca nas paredes externas dos barracos de madeira e lata são as inscrições feitas a tinta, RA-III, seguida de um número, que nenhum dos moradores soube explicar o que significa, mas todos foram unânimes em dizer que "foram feitos pelo pessoal da prefeitura".

— Aqui o problema maior é a falta de luz, diz Antônio Rodrigues, nordestino de mais de 60 anos, dono de uma birosca, com algumas garrafas de pinga na prateleira. "A noite, ninguém consegue dormir com os mosquitos atacando o tempo todo, e até hoje não apareceu nenhum mosquito aqui, para minorar nosso sofrimento", protesta ele.

Enquanto "seu" Antônio reclama dos mosquitos e da falta de luz, Domingos Pereira, um dos mais novos moradores do local, vindo há menos de três meses da região rural de Buritis de Minas, começa a contar o seu drama: "Há poucos dias chegamos aqui, eu, meu irmão Mauro, minha avó com mais de 70 anos, e uma irmã. Construímos um barraco para escondermos da chuva, mas demos muito azar, com menos de uma semana apareceu por aqui o fiscal da prefeitura conhecido por "Batucada", junto com duas radiopatrulhas e diversos soldados, e derrubaram nossa moradia. Os soldados ainda nos disseram que se a gente reconstruísse os cômodos, eles voltariam, derrubariam tudo e ainda levariam a gente para a delegacia", desabafa o retirante.

Com o período chuvoso, a água dos poços que servem à comunidade fica barrenta, devido às enxurradas que caem nas cisternas.